

O TRABALHADOR NEGRO NO RAMO METALÚRGICO

20 de novembro 2014

Mais do que uma decisão racional do capitalismo, a passagem da escravidão ao trabalho assalariado é parte de um amplo processo de reestruturação econômica e social. É um aprofundamento da inserção da economia brasileira no cenário internacional (SINGER; 1975 apud THEODORO; 2008), que não ocorre de forma passiva. Além da pressão externa pelo fim do regime escravocrata, as contradições vividas no país, que fomentavam as lutas populares contrárias às injustiças impostas por esse modelo – em especial os diversos levantes dos (as) negros (as) –, empurram a nação para essa transformação. A ascensão do trabalho assalariado como base da economia do Brasil manteve intocado o processo de exclusão dos (as) negros (as) em nossa sociedade, agora livres da escravidão.

A abolição da escravatura não resultou apenas na transformação do trabalho, mas também na substituição do trabalhador escravo (negro) pelo trabalhador livre (branco imigrante). Essa transição foi feita via intervenção direta e decisiva do Estado e com inspiração na ideologia racista que se consolidava – uma visão eurocêntrica e “modernizante” (THEODORO; 2008), na qual também não havia espaço para o negro na nova configuração da sociedade. Essa ideologia se atualizava do entendimento que tinha do (a) negro (a), já que este nunca foi considerado como um membro da sociedade que deveria ser incluído, mas apenas uma ferramenta no processo de produção brasileiro. A entrada massiva de imigrantes europeus no mercado de trabalho brasileiro deslocou a população negra para colocações subalternas, no setor de subsistência e em atividades mal remuneradas. Essa condição originou, algumas décadas depois, o que mais tarde se denominou como setor informal (THEODORO; 2008).

As desigualdades e a discriminação de etnia e gênero são problemas que dizem respeito à maioria da população brasileira. Segundo os últimos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD-2013), os negros – de ambos os gêneros – correspondem a 53% e as mulheres (de todas as etnias) a 51% da população.

Examinando os indicadores do mercado de trabalho, o que observamos é que em alguns aspectos das desigualdades e da discriminação de gênero e raça não apenas se superpõem, mas se cruzam e se potencializam. A situação da mulher negra evidencia essa dupla discriminação. O trabalho de negros e de mulheres é menos valorizado social e economicamente. Isso está na base do preconceito que afeta a sua inserção no mercado de trabalho, como a suposta “falta de competência” para determinados tipos de trabalho, ou uma

delimitação rígida do que seriam trabalhos próprios para mulheres e para homens, próprios para negros e próprios para brancos (SOARES, 2000).

Até há pouco tempo, essas desigualdades resultavam na não inclusão dos interesses dos negros e das mulheres na agenda pública. Assim, as políticas de habitação, combate à pobreza, geração de emprego ou qualquer outra (educação, saúde, segurança etc.) não refletiam as necessidades e direitos de negros e mulheres. As políticas aparentemente “neutras” em relação ao gênero e à raça perpetuavam as desigualdades existentes entre negros e não-negros e/ou mulheres e homens.

Atualmente, estamos vivendo um momento mais favorável para trabalhar essas questões, a partir da criação de duas secretarias especiais vinculadas à Presidência da República. Uma delas está encarregada das políticas públicas de promoção da igualdade racial e a outra das políticas para mulheres. Essas duas secretarias buscam trabalhar de forma transversal e integrada a outras políticas.

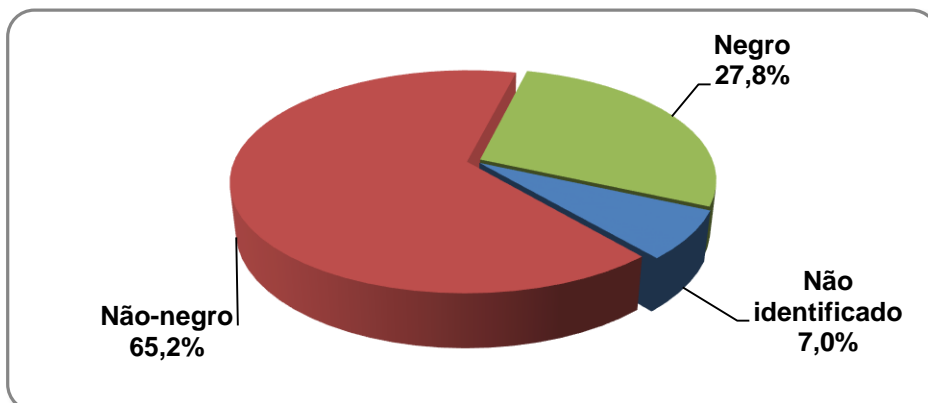
Neste estudo, veremos, com os dados do emprego metalúrgico (pelo recorte étnico), que as (os) negras (os) ainda possuem dificuldades de inserção no mercado de trabalho, com uma menor participação e remunerações menores, embora essas diferenças tenham diminuído. Não se deve subestimar a importância da redução da desigualdade na vida dos (as) trabalhadores (as).

Considerando que a mobilidade social é um processo lento, do ponto de vista histórico no mercado de trabalho formal, os (as) negros (as) estão melhorando sua posição na sociedade com relativa rapidez. Mas como observado, muitos desafios ainda persistem (aqui tendo como foco os dados do mercado de trabalho). Esses desafios são desdobramentos de uma dívida histórica que o país tem com os (as) negros (as) e que está longe de ser quitada. Informações como a de a mulher negra recebe metade da remuneração dos homens brancos é um exemplo das disparidades gritantes que não podem ser naturalizadas e apontam que a luta é longa.

RAMO METALÚRGICO

De acordo com os dados mais recentes da Relação Anual de Informações Sociais do Ministério do Trabalho e Emprego (RAIS/MTE) de 2013, estima-se que a participação dos (as) negros (as) metalúrgicos (as) é de 27,8% no total de trabalhadores (as) do ramo no Brasil (em 2011 a participação era de 26,7%, o que levou a um crescimento de 1,1% em dois anos), conforme apresentado no gráfico abaixo. Este percentual representa pouco mais de 679 mil trabalhadores (as), distribuídos em todos os setores que compõem o ramo metalúrgico.

GRÁFICO 1
Distribuição dos (as) metalúrgicos (as) segundo raça/cor
Brasil, dezembro/13



Fonte: RAIS 2013.
 Elaboração: DIEESE CNM/CUT – FEM-CUT/SP.

A participação dos (as) metalúrgicos (as) negros (as) é maior que a de não-negros (as) na maioria das regiões do Brasil, exceto no Sudeste e no Sul. A Região Norte tem a maior participação, com 80,5% dos (as) negros (as), seguida pelo Nordeste, com 63,5%. No Amazonas, a participação do (a) negro (a) é de 83,2% do total da categoria metalúrgica; já no Nordeste, o Piauí aparece com 80,5% de metalúrgicas (os) negras (os).

As regiões com menor participação de negros (as) na categoria são o Sul, com 8,2%, seguido pelo Sudeste, com 27,3%. Em São Paulo, a presença dos (as) metalúrgicos (as) negros (as) é de 20,8% e os demais estados do Sudeste têm uma participação acima de 40,0%. No Sul, Santa Catarina tem a menor participação, com 6,3% dos (as) metalúrgicos (as) negros.

Vale lembrar que as regiões do Sudeste e Sul concentram mais de 87,8% de todos (as) os (as) metalúrgicos (as) do Brasil e que apenas São Paulo concentra 43,5% desse total no país. Dessa forma, embora a participação dos (as) negros (as) seja baixa em números absolutos, essas duas regiões concentram 68,7% das (os) negras (os): 466.679 trabalhadores (as) negras (os), de um total de 679.180. Por conta disso, a participação nacional do (a) negro metalúrgico (a) na categoria se mantém em 27,8%.

TABELA 1
Distribuição dos (as) metalúrgicos (as) segundo raça/cor por região
Brasil, dezembro/13

REGIÃO	Nº TRABALHADORES (AS)	Participação
Centro Oeste	55.674	2,3%
Negros	26.416	47,4%
Não Negros	22.813	41,0%
Não Identificados	6.445	11,6%
Nordeste	148.187	6,1%
Negros	94.127	63,5%
Não Negros	33.772	22,8%
Não Identificados	20.288	13,7%
Norte	114.298	4,7%
Negros	91.958	80,5%
Não Negros	18.022	15,8%
Não Identificados	4.318	3,8%
Sudeste	1.526.885	62,4%
Negros	417.342	27,3%
Não Negros	1.029.339	67,4%
Não Identificados	80.204	5,3%
Sul	601.228	24,6%
Negros	49.337	8,2%
Não Negros	490.788	81,6%
Não Identificados	61.103	10,2%
BRASIL	2.446.272	100,0%
Negros	679.180	27,8%
Não Negros	1.594.734	65,2%
Não Identificados	172.358	7,0%

Fonte: RAIS 2013 - MTE.

Elaboração: DIEESE CNM/CUT – FEM-CUT/SP.

Segundo a divisão setorial da Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT (CNM/CUT), a participação do (a) metalúrgico (a) negro (o) é maior em *Outros Materiais de Transporte*, com 52,4%, seguido pelo segmento *Naval*, com 52,3%. Estes dois setores apresentam muitas dificuldades referentes às condições de trabalho, tendo como exemplo altos índices de rotatividade e baixas remunerações.

Os segmentos com menor participação de mão de obra negra são o *Aeroespacial*, com 9,8%, seguido pelo *Automotivo*, com 22,7%. Destaca-se que os dados referentes às condições

de trabalho nesses dois últimos são inversos aos dois primeiros: eles apresentam os maiores salários e os menores índices de rotatividade do ramo metalúrgico.

Comparando os anos de 2011 e 2013, a participação do (a) negro (a) aumentou em todos segmentos, exceto em *Outros Materiais de Transporte*, que teve uma redução de 2,5%. O segmento que mais aumentou a participação foi o *Eletroeletrônico*, com um incremento de 1,7%, saindo de 28,7% em 2011, para 30,4%, em 2013.

TABELA 2
Distribuição dos (as) metalúrgicos (as) segundo raça/cor por setor
Brasil, dezembro/13

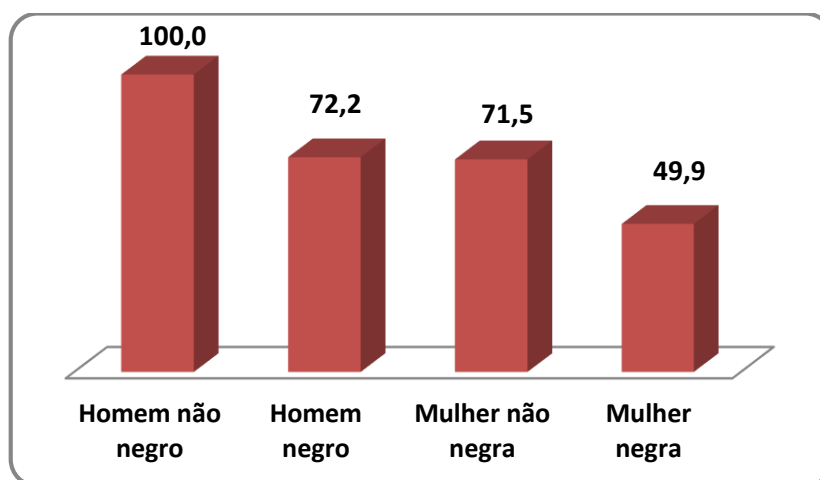
SEGMENTO	Nº TRABALHADORES (AS)	PARTICIPAÇÃO
<i>Aeroespacial</i>	27.501	1,12%
Negros	2.691	9,79%
Não Negros	24.125	87,72%
Não Identificados	685	2,49%
<i>Automotivo</i>	549.180	22,45%
Negros	124.630	22,69%
Não Negros	384.098	69,94%
Não Identificados	40.452	7,37%
<i>Eletroeletrônico</i>	433.613	17,73%
Negros	131.977	30,44%
Não Negros	275.414	63,52%
Não Identificados	26.222	6,05%
<i>Máquinas e equipamentos</i>	577.035	23,59%
Negros	136.755	23,70%
Não Negros	394.846	68,43%
Não Identificados	45.434	7,87%
<i>Naval</i>	68.042	2,78%
Negros	35.604	52,33%
Não Negros	27.354	40,20%
Não Identificados	5.084	7,47%
<i>Outros materiais transportes</i>	39.776	1,63%
Negros	20.852	52,42%
Não Negros	17.818	44,80%
Não Identificados	1.106	2,78%
<i>Siderurgia e metalurgia básica</i>	751.125	30,70%
Negros	226.671	30,18%
Não Negros	471.079	62,72%
Não Identificados	53.375	7,11%
TOTAL GERAL	2.446.272	100%

Fonte: RAIS 2013 - MTE.
Elaboração: DIEESE CNM/CUT – FEM-CUT/SP.

A remuneração média do metalúrgico (a) negro (a) é menor do que a do (a) não-negro (a): estes recebem 72,3% da remuneração dos (as) primeiros (as). Ao olhar essa distribuição também por gênero, as desigualdades são ampliadas. O Gráfico 2 apresenta a diferença salarial, adotando como 100% a remuneração média do homem não-negro. A mulher não-negra recebe 71,5% da remuneração do primeiro. Já o homem negro recebe 72,2% e, por último, a mulher negra recebe 49,9%, menos da metade da remuneração do primeiro.

Como se pode observar, a desigualdade de renda é gritante, tendo na base da desigualdade a mulher negra. Na distribuição total dos metalúrgicos, a participação da mulher é de 19,0%; já dentre os metalúrgicos negros sua participação é menor, sendo de 17,7%.

GRÁFICO 2
Distribuição dos (as) metalúrgicos (as) segundo raça/cor, sexo e remuneração média
Brasil, dezembro/13



Fonte: RAIS/MTE.
 Elaboração: DIEESE CNM/CUT – FEM-CUT/SP.

Além da desigualdade de renda analisada, quando se compara a remuneração média por região, o quadro se aprofunda, visto a existência desse problema no país, com regiões ganhando bem menos que outras, mesmo considerando o custo de vida específico de cada Estado¹. O Norte e o Sudeste são as duas regiões que apresentam maior diferença de renda: na primeira, a remuneração dos (as) negros (as) comparada aos metalúrgicos (as) não-negros (as) corresponde a 71,1% e, na segunda, 71,8%. Vale lembrar que é no Norte que os (as) negros (as) têm a maior participação na categoria e no Sudeste onde estão em maior concentração no ramo metalúrgico. São Paulo, com maior número de trabalhadores (as) negros (as) do ramo, tem a maior diferença de remuneração: estes recebem 69,8% da

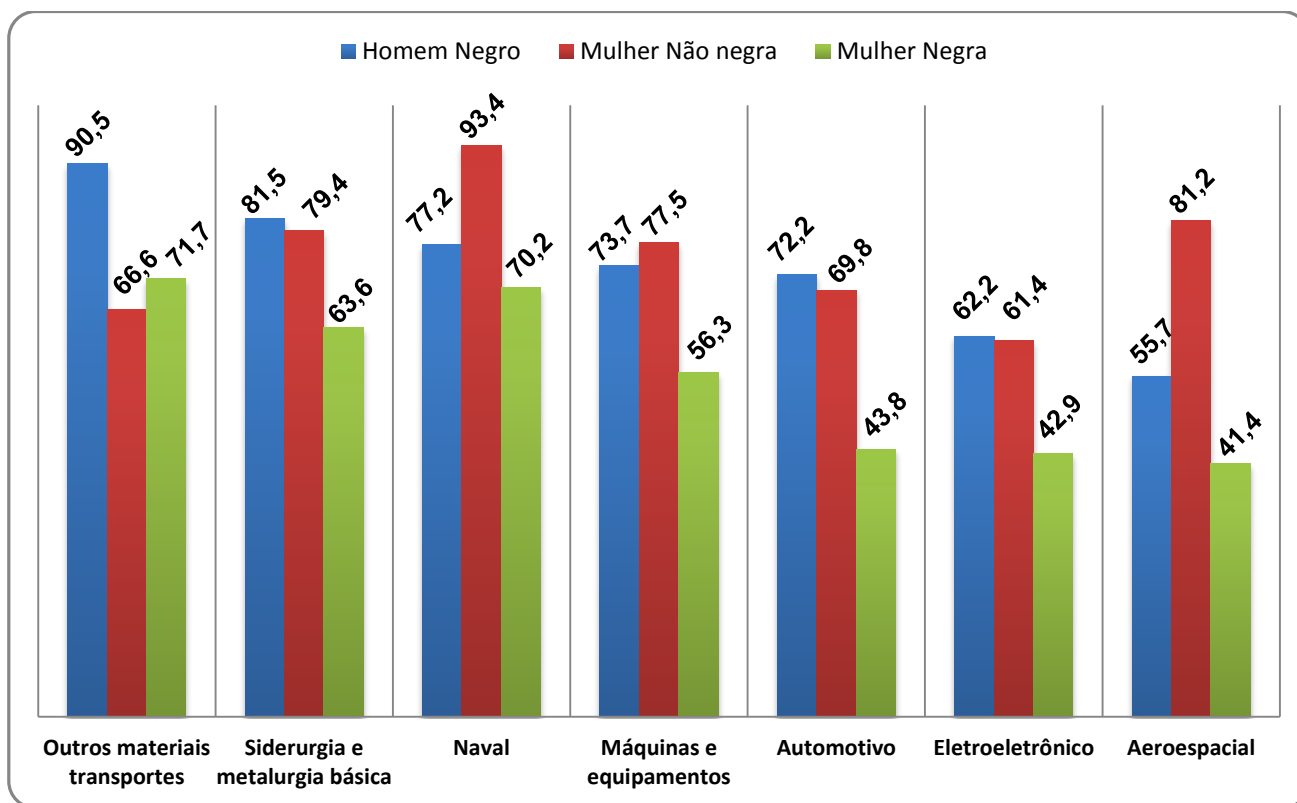
¹ Em anexo tabela com as diferenças salariais por UF e Região.

remuneração dos (as) não-negros (as). O Sul, que tem a menor participação dos (as) negros (as) no ramo, tem a menor diferença, de 80,9%.

O Nordeste segue a média, tendo os Estados Pernambuco e Paraíba as menores diferenças de remuneração: o (a) metalúrgico (a) negro (a) recebe 94,6% e 84,2% da remuneração do (a) não-negro (a), respectivamente. No Rio Grande do Norte, a diferença se inverte: o (a) negro (a) recebe 117% da remuneração do (a) não negro (a).

Quando o salário é analisado por segmentos, as menores diferenças de remuneração estão no *Naval*, *Outros Materiais de Transporte* e *Siderurgia*, que possuem a maior participação de negras (os). O Gráfico abaixo mostra essa divisão. Nele, foi adotado o mesmo pressuposto de comparação da remuneração, partindo de 100% para o metalúrgico não negro.

GRÁFICO 3
Distribuição dos (as) metalúrgicos (as) segundo raça/cor, sexo e remuneração média por segmento Brasil, dezembro/13



Fonte: RAIS/MTE.

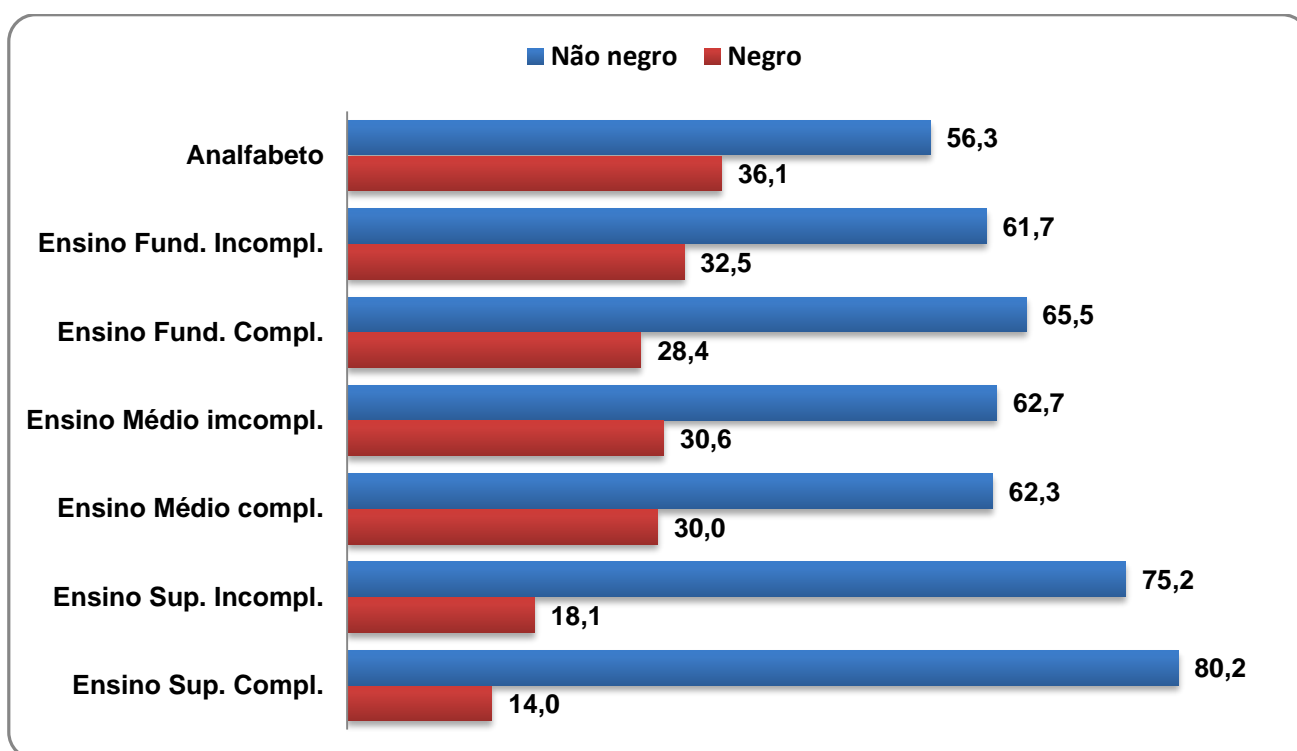
Elaboração: DIEESE CNM/CUT – FEM-CUT/SP.

Ainda sobre a remuneração média, ao analisar a ocupação exercida, observa-se que essa diferença permanece mesmo quando metalúrgicos (as) negros (as) e não-negros (as) ocupam o mesmo cargo. Das 100 ocupações observadas, que equivalem a 75% do total de metalúrgicos (as), apenas em três ocupações a remuneração dos (as) negros (as) era maior

que a dos não-negros (as): 6,9% maior na ocupação de *Operador Eletromecânico e Encanador* e 4,6% maior na ocupação de *Rebarbador de Metal*. Uma ocupação tem a mesma remuneração para os dois grupos, que é de *Soldador Elétrico*, mas nas outras 96 ocupações analisadas os (as) negros (as) recebem menos que os (as) não-negros (as). A maior diferença é na ocupação de *Montador de Equipamentos Elétricos*, para a qual o (a) negro (a) recebe 55,2% da remuneração do não-negro (a)².

À medida que aumenta o grau de escolaridade, a participação dos (as) metalúrgicos (as) negros (as) no mercado de trabalho vai diminuindo, partindo de uma participação de 36,1% para os (as) trabalhadores (as) classificados como analfabetos (as) até uma participação de 14,0% para os trabalhadores (as) com ensino superior completo.

GRÁFICO 4
Distribuição dos (as) metalúrgicos (as) segundo raça/cor e escolaridade
Brasil, dezembro/13



Fonte: RAIS 2013 - MTE.

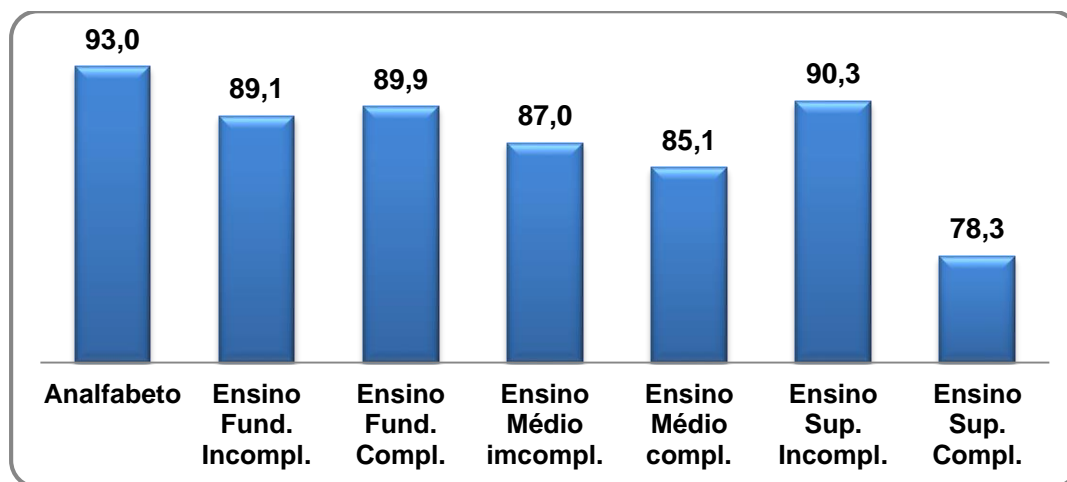
Elaboração: DIEESE CNM/CUT – FEM-CUT/SP.

Quando é analisada a remuneração média, constata-se que, conforme aumenta o tempo de estudo, a diferença salarial também aumenta, indicando que independente da escolaridade, as diferenças persistem e na maioria dos casos se aprofundam. Na comparação entre os analfabetos a diferença é de apenas 7,0% entre metalúrgicos (as) não-negros (as) e negros

² As demais ocupações e suas diferenças salariais estão listadas no Anexo desse estudo.

(as), mas entre os (as) metalúrgicos (as) com Ensino Superior completo, os negros (as) recebem 21,7% a menos que os (as) não-negros (as), como mostra o gráfico abaixo. Há uma diferença apenas no Ensino Superior Incompleto, que rompe com uma tendência de aumento, tendo uma diferença de 9,7%.

GRÁFICO 5
Remuneração média dos (as) metalúrgicos (as) negros (as) por escolaridade comparados aos não negros (base = 100) - Brasil, dezembro/13



Fonte: RAIS 2013 - MTE.

Elaboração: DIEESE CNM/CUT – FEM-CUT/SP.

Ao analisar a taxa de rotatividade, que tem como objetivo captar a substituição do ocupante de um posto de trabalho por outro, ou seja, a demissão seguida da admissão – em um posto específico, individual, ou em diversos postos, envolvendo vários trabalhadores –, vê-se que o índice para os (as) metalúrgicos (as) negros (as) é maior que dos (as) não-negros (as). Enquanto que para estes últimos o índice é de 42,3% (isso significa que para cada 100 postos de trabalho gerados, 42 foram para substituir trabalhadores demitidos), entre os (as) negros (as) é de 51,3%, ou seja, para cada 100 postos de trabalho gerados, mais da metade é para substituir os demitidos. Isso mostra que o impacto da rotatividade, que no Brasil já é alta, tem um impacto muito maior entre os (as) negros (as).

Em síntese, a partir dos dados coletados e aqui apresentados, nota-se uma desigualdade nas relações de trabalho que pesam contra o (a) metalúrgico (a) negro (a), evidenciada na maior participação nos segmentos com as condições de trabalho piores (*Outros Materiais de Transporte e Naval*), atingidos pela rotatividade destes, como apresentado no estudo.

A remuneração menor vai de 72,2% (comparando o metalúrgico negro com o metalúrgico não-negro) até 49,9%, quando compara-se o salário da metalúrgica negra ao

metalúrgico não-negro. Quando feito este recorte, a mulher – que historicamente tem remunerações menores que a dos homens – apresenta condições ainda piores. Mesmo quando as ocupações são as mesmas, a diferença de renda permanece.

A escolaridade baixa pode ser explicada sob diferentes aspectos, mas a hipótese mais justa é a dívida histórica que o país tem com os (as) negros (as), mostrando que a superação da discriminação não se dá apenas na teoria, mas em políticas concretas que possibilitem o acesso e a permanência na educação. Contudo, ao comparar os dois grupos com o mesmo tempo de estudo, ainda assim é evidente a diferença de remuneração.

Embora o debate e a busca para integrar os acordos e convenções coletivas do trabalho cláusulas sobre o tema, há muito a ser feito, desde a luta contra a discriminação até a isonomia salarial e ações afirmativas.

ANEXOS

1. Lista das 100 ocupações que equivalem a 75% dos (as) metalúrgicos (as) e diferença salarial entre não-negros (as) e negros (as), sendo o primeiro igual a 100

Ocupações / CBO's	Não negro	Negro
Alimentador de Linha de Produção	100,0	92,5
Soldador	100,0	96,8
Operador de Maquinas-Ferramentas Convencionais	100,0	90,7
Auxiliar de Escritório, em Geral	100,0	81,1
Almoxarife	100,0	88,6
Mecânico de Manutenção de Maquinas, em Geral	100,0	82,6
Assistente Administrativo	100,0	82,5
Inspetor de Qualidade	100,0	86,2
Operador de Maquinas Operatrizes	100,0	87,3
Montador de Veículos (Linha de Montagem)	100,0	92,1
Operador de Maquinas Fixas, em Geral	100,0	88,6
Serralheiro	100,0	88,2
Montador de Maquinas, Motores e Acessórios (Montagem em Serie)	100,0	82,7
Montador de Estruturas Metálicas	100,0	86,5
Operador de Linha de Montagem (Aparelhos Eletrônicos)	100,0	85,5
Caldeireiro (Chapas de Ferro e Aço)	100,0	93,6
Montador de Equipamentos Eletrônicos	100,0	85,3
Eletricista de Manutenção Eletroeletrônica	100,0	82,8
Técnico de Planejamento de Produção	100,0	82,4
Montador de Maquinas	100,0	92,2
Prensista (Operador de Prensa)	100,0	96,0
Ferramenteiro	100,0	94,0
Operador de Empilhadeira	100,0	93,1
Montador de Equipamentos Elétricos	100,0	90,7
Operador de Linha de Montagem (Aparelhos Elétricos)	100,0	88,9
Operador de Maquina de Dobrar Chapas	100,0	87,2
Faxineiro	100,0	95,9
Operador de Torno com Comando Numérico	100,0	94,0
Rebarbador de Metal	100,0	104,6
Vendedor de Comercio Varejista	100,0	75,9
Preparador de Maquinas-Ferramenta	100,0	89,1
Supervisor Administrativo	100,0	82,9
Operador de Centro de Usinagem com Comando Numérico	100,0	98,5
Pintor de Estruturas Metálicas	100,0	98,9
Preparador de Estruturas Metálicas	100,0	90,2
Gerente de Produção e Operações	100,0	78,2
Técnico Eletrônico	100,0	85,0
Ajustador Mecânico	100,0	82,9
Motorista de Caminhão (Rotas Regionais e Internacionais)	100,0	89,8
Servente de Obras	100,0	92,7
Apontador de Produção	100,0	96,6
Comprador	100,0	82,3
Fundidor de Metais	100,0	93,0
Técnico Mecânico	100,0	79,0
Eletricista de Instalações	100,0	93,9
Contador	100,0	84,6
Gerente Administrativo	100,0	67,0
Montador de Equipamentos Eletrônicos (Computadores e Equipamentos Auxiliares)	100,0	80,8
Técnico em Segurança no Trabalho	100,0	86,5
Polidor de Metais	100,0	88,2
Assistente de Vendas	100,0	90,2

Administrador	100,0	77,8
Pintor de Veículos (Fabricação)	100,0	94,5
Técnico de Garantia da Qualidade	100,0	85,5
Encarregado de Acabamento de Chapas e Metais (Tempera)	100,0	87,0
Montador de Equipamentos Elétricos (Aparelhos Eletrodomésticos)	100,0	55,2
Operador de Acabamento de Peças Fundidas	100,0	88,7
Embalador, a Mão.	100,0	88,7
Engenheiro de Produção	100,0	94,5
Soldador Elétrico	100,0	100,0
Pintor, a Pistola (Exceto Obras e Estruturas Metálicas)	100,0	91,5
Mecânico de Manutenção de Automóveis, Motocicletas e Veículos Similares	100,0	84,8
Operador de Produção (Química, Petroquímica e Afins)	100,0	83,3
Operador de Inspeção de Qualidade	100,0	83,5
Desenhista Projetista Mecânico	100,0	91,6
Operador de Ponte Rolante	100,0	90,9
Moldador de Plástico por Injeção	100,0	88,0
Analista de Recursos Humanos	100,0	83,6
Mestre (Indústria de Automotores e Material de Transportes)	100,0	86,8
Montador de Maquinas Agrícolas	100,0	91,4
Armazenista	100,0	83,0
Auxiliar de Contabilidade	100,0	83,6
Trefilador de Metais, A Máquina	100,0	88,8
Operador de Fresadora com Comando Numérico	100,0	80,0
Engenheiro Mecânico	100,0	90,3
Controlador de Entrada e Saída	100,0	82,1
Operador de Tesoura Mecânica e Máquina de Corte, no Acabamento de Chapas e Metais	100,0	91,6
Pedreiro	100,0	94,0
Analista de Desenvolvimento de Sistemas	100,0	82,7
Operador de Usinagem Convencional por Abrasão	100,0	82,3
Recepcionista, em Geral	100,0	89,3
Supervisor de Montagem e Instalação Eletroeletrônica	100,0	88,6
Mestre (Indústria de Maquinas e Outros Equipamentos Mecânicos)	100,0	83,8
Funileiro Industrial	100,0	97,6
Gerente de Vendas	100,0	69,8
Galvanizador	100,0	90,6
Trabalhador da Manutenção de Edificações	100,0	90,3
Eletrotécnico na Fabricação, Montagem e Instalação de Maquinas e Equipamentos	100,0	91,7
Vigia	100,0	81,5
Trabalhador de Serviços de Limpeza e Conservação de Áreas Públicas	100,0	93,5
Marceneiro	100,0	87,0
Conferente de Carga e Descarga	100,0	94,8
Motorista de Furgão ou Veículo Similar	100,0	89,2
Motorista de Carro de Passeio	100,0	90,8
Encanador	100,0	106,9
Montador de Equipamentos Elétricos (Transformadores)	100,0	85,7
Técnico de Manutenção Eletrônica	100,0	80,9
Técnico de Manutenção Elétrica	100,0	93,1
Gerente Comercial	100,0	68,4
Operador Eletromecânico	100,0	106,9

Fonte: RAIS 2013 - MTE.

Elaboração: DIEESE CNM/CUT – FEM-CUT/SP.

2. Remuneração do (a) negro (a) e não-negro (a), por Região e UF – Brasil, 2013

Região / UF	Não negro (a)	Negro (a)	Diferença negro (a)/ não-negro (a)
Centro Oeste	R\$ 1.982,78	R\$ 1.599,71	-19,32%
DF	R\$ 1.799,39	R\$ 1.687,23	-6,23%
GO	R\$ 2.111,80	R\$ 1.665,37	-21,14%
MS	R\$ 1.730,49	R\$ 1.471,96	-14,94%
MT	R\$ 1.813,10	R\$ 1.494,00	-17,60%
Nordeste	R\$ 2.573,63	R\$ 1.874,21	-27,18%
AL	R\$1.624,99	R\$1.240,13	-23,68%
BA	R\$3.954,18	R\$1.946,51	-50,77%
CE	R\$1.738,39	R\$1.384,25	-20,37%
MA	R\$3.198,04	R\$2.219,86	-30,59%
PB	R\$1.224,61	R\$1.030,78	-15,83%
PE	R\$2.622,70	R\$2.479,92	-5,44%
PI	R\$1.696,49	R\$968,21	-42,93%
RN	R\$1.457,49	R\$1.713,92	17,59%
SE	R\$1.600,35	R\$1.130,42	-29,36%
Norte	R\$2.826,59	R\$2.010,44	-28,87%
AC	R\$1.023,47	R\$1.040,66	1,68%
AM	R\$2.859,76	R\$2.054,01	-28,18%
AP	R\$1.057,14	R\$1.254,28	18,65%
PA	R\$3.150,26	R\$1.911,58	-39,32%
RO	R\$1.483,83	R\$1.292,15	-12,92%
RR	R\$1.173,57	R\$945,93	-19,40%
TO	R\$1.385,11	R\$1.149,69	-17,00%
Sudeste	R\$3.491,46	R\$2.508,34	-28,16%
ES	R\$2.727,76	R\$2.532,45	-7,16%
MG	R\$3.009,77	R\$2.539,90	-15,61%
RJ	R\$3.612,88	R\$2.482,22	-31,30%
SP	R\$3.579,29	R\$2.497,80	-30,22%
Sul	R\$2.586,54	R\$2.091,85	-19,13%
PR	R\$2.807,99	R\$2.081,01	-25,89%
RS	R\$2.612,16	R\$2.213,72	-15,25%
SC	R\$2.342,87	R\$1.925,96	-17,79%
BRASIL	R\$3.164,44	R\$2.287,45	-27,71%

Fonte: RAIS 2013 - MTE.

Elaboração: DIEESE CNM/CUT – FEM-CUT/SP.

REFERÊNCIAS

THEODORO, M. A formação do mercado de trabalho e a questão racial no Brasil. In: _____ (Org.). **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil 120 anos após a abolição**. 1. ed. IPEA, 2008. cap. 1, p. 15-44.

SOARES, S. S. D. **O Perfil da Discriminação no Mercado de Trabalho – Homens Negros, Mulheres Brancas e Mulheres Negras**. Texto para discussão n. 769 - IPEA. Brasília, 2000.